



COUTO, Mia. **Mar me quer**. Lisboa: Caminho, 2000.

MEMÓRIA E SOLIDÃO EM *MAR ME QUER*, DE MIA COUTO

*Luiza Benício Pereira*¹
Universidade Estadual da Paraíba
(luizabencio14@gmail.com)

A obra *Mar me quer* (2000), do escritor moçambicano Mia Couto, é uma estória de pequena extensão, subdividida em oito capítulos, com ilustrações de João Nasi Pereira, distribuídas no início de cada seção. A narração ocorre em primeira pessoa pela perspectiva do narrador protagonista Zeca Perpétuo, o qual conta suas vivências para a vizinha Luarmina, bem como revela a partir desses dizeres a relação de convivência e afeto que possuem. Apresentam-se também outros personagens e os desenlaces que compõem a paisagem narrativa, tais como: Maria Bailarina, Agualberto Salvo-Erro e a esposa – mãe do personagem principal –, Henriquinha, Avô Celestiano, transpassados, dentre outros aspectos, pela memória e solidão.

Uma presença demarcada na narrativa é a do avô Celestiano, pai de Agualberto, o qual tem os seus provérbios descritos no início de cada seção do livro, ora adaptados dos ditos macuas, ora de sua própria autoria, na representação e destaque da ancestralidade e oralidade, propiciando “subsídios indispensáveis para se compreender o que caracteriza, dá forma e garante o funcionamento a uma sociedade” (NASCIMENTO; RAMOS, 2011, p. 454). Esta temática é encontrada em demais produções de Mia Couto e em outros escritores moçambicanos como Paulina Chiziane e Ungulani Ba Ka Khosa.

O primeiro parágrafo da estória mostra ao leitor uma pequena porção da escrita de Mia Couto, a linguagem literária, da qual emerge um tom narrativo que coloca nas fibras ficcionais as tradições e culturas próprias do território moçambicano. O narrador enuncia em sua fala os pedregulhos da infelicidade: “Sou feliz só por preguiça. A infelicidade dá uma trabalhadeira pior que doença” (COUTO, 2000, p. 06). A afirmação é baseada nos saberes populares, exposta de forma literária em um trabalho linguístico que se harmoniza com o tema da obra e com próprio título, originário de um provérbio popular.

O leitor tem a percepção momentânea de que a estória que se conta é gotejada de felicidade, entretanto, essa sensação se desfaz lentamente ao ponto que a narrativa se desenvolve. Este artifício de construção literária mobilizado pelo escritor proporciona um desvelamento mais comedido do clímax e do desfecho da estória, ao mesmo passo que gera uma atenção mais direcionada aos possíveis desdobramentos narrativos não revelados.

A personagem Luarmina é descrita pelo narrador como mulata, gorda e de poucas palavras para com ele, mesmo diante das várias tentativas de

¹ Mestranda em Literatura e Interculturalidade na Universidade Estadual da Paraíba (PPGLI/UEPB). Campus I, Campina Grande – PB.



aproximação. Do mesmo modo, destaca-se que a chegada desta personagem à aldeia deve-se à saída do convento para o qual fora enviada, todavia, o tempo de permanência não é explicitado, causando um desconhecimento desta etapa da vida da personagem, uma vez que apenas temos a informação do seu desligamento do confinamento religioso, mas não se sabe ao certo o que ocorreu durante a estadia no monastério.

Dona Luarmina tem a profissão de costureira, seu meio de sobrevivência; Zeca Perpétuo de pescador, ambos desenvolvem/desenvolveram suas habilidades no pequeno grupo do qual fazem parte, tirando o sustento necessário. Zeca Perpétuo vive a galantear Luarmina, pois, tem por ela um sentimento grande, mesmo diante do isolamento que a mulher adotou nos anos iniciais de sua chegada à aldeia. A aproximação visada por Perpétuo é, antes de tudo, regada por amizade, não há uma contundência nos gestos dos personagens.

O autor Mia Couto escolhe retratar de modo leve a relação de Zeca Perpétuo e Luarmina, o que denota não ser o relacionamento dos dois o foco da narrativa, os temas expostos são estilhaçados de maneira diversa, na promoção de debates que mobilizam diferentes características e reflexões de cunho intercultural. A partir disto, há de forma sucinta, a menção das questões raciais existentes no próprio Moçambique, entre os mulatos e os negros, que ao nosso ver poderia ser um pouco mais aprofundada no entendimento desse espaço de reconhecimento limiar que estes sujeitos ocupam.

O narrador relata os mistérios que envolvem a vizinha Luarmina, a qual “nos primeiros tempos, [...] continuava sem se dar às vistas. Só as mulheres que entravam em seus domínios é que lhe davam conta” (COUTO, 2000, p. 07). A solidão é uma constante na vida da personagem, desde o convento que frequentou ao habitar a aldeia. Recebia poucas visitas, restringindo-se a certas presenças. O passado de Luarmina fora contado a Zeca Perpétuo pelo padre, assim, o narrador desvenda o mistério que envolve a vizinha.

Não conhecemos a estória de Luarmina a partir da sua própria fala, mas por meio do discurso do outro, isto é, do padre, deixando o leitor a questionar acerca da exatidão das informações ou a pensar na possibilidade de uma refutação realizada pela própria personagem no final da obra. Isto não oferece menos crédito ao que se conta, porém, o ponto de vista da personagem poderia trazer para a narrativa uma perspectiva mais profunda psicologicamente e socialmente, na revelação de detalhes não conhecidos por terceiros.

Luarmina descende de um homem grego que chegou a Moçambique e se alojou nos arredores, exercendo, assim como Zeca Perpétuo, a profissão de pescador. A mãe, faleceu dias após o marido morrer. A formosura da personagem Luarmina causava interesses nos jovens rapazes, fazendo com que a relação com a mãe se tornasse conflituosa, a ponto desta planejar desfigurá-la fisicamente: “Diz-se que, enlouquecida, certa noite intentou de golpear o rosto de Luarmina. Só para a esfeiar e, assim, afastar os candidatos” (COUTO, 2000, p. 07). Após este episódio traumático e espantoso, Luarmina fora para o convento, dedicando-se de modo contínuo ao exercício religioso.



Um aspecto que chama atenção é a violência com a qual Luarmina é tratada pela própria mãe, o motivo é revelado: a beleza da filha desagradada à figura materna, a qual deveria oferecer cuidado e proteção, mas que ao invés disso, prefere adotar uma posição que se aproxima da insanidade, arquitetando um ato direto contra a bela jovem. A explicação dada ao leitor não apresenta aprofundamento no que tange as razões psicológicas ou sociais pelas quais a mãe pensa e se comporta dessa maneira, nos deparamos com essa informação quando passamos a conhecer um pouco a estória da personagem Luarmina.

As feições e traços da boniteza que causava espanto e atração nos homens, com o tempo se desfez e Luarmina passa os dias a bordar e a despetalar as flores do jardim. Nota-se que a vida da personagem fora marcada pelo sofrimento e angústia, restando-lhe a solidão da vida sem lembranças ou experiências, abandonando-se aos dias cruéis, como diz o narrador:

Restava-me a presente figura de Luarmina, gorda e engordurada. A mulher, por razões de angústia, se deixara acumular, quilos sobre o peso. Eu entendo: uma boa maneira de esconder a tristeza é cobrimo-nos de carne. O sofrimento é fatal quando atinge os ossos. Chegada aí, a tristeza se apressa em virar esqueleto. Sábio é dar cobertura ao corpo, intermediar gordurosas fronteiras. (COUTO, 2000, p. 08)

Cabe destacar que diante desse possível “vazio” da figura feminina no espaço da não concretização dos seus sonhos, encerrados pelas circunstâncias familiares, o breve contentamento ocorre ao ouvir as memórias de Zeca Perpétuo cujo acesso permite que o leitor mergulhe nas estórias dos demais personagens: “O que Dona Luarmina me solicita são exactas memórias” (COUTO, 2000, p.08). Inicialmente, Zeca Perpétuo não quer recordar suas vivências, e para isso, constrói estórias ficcionais de heroísmo para narrar.

Outro aspecto a ser realçado consiste na relação entre memória e saudade, na perspectiva de Luarmina, a qual pede a Zeca Perpétuo que lhe conte as suas lembranças mais saudosistas, pois para ela, ambas estão interligadas e são essas as suas preferidas. De modo semelhante, a saudade tem presença marcada na vida do personagem Zeca.

A personagem Luarmina assume a função de narratório, este pode ser entendido como as “histórias dentro das histórias, onde um personagem se torna o narrador e conta a história encaixada para outros personagens” (CULLER, 1999, p. 88). As lembranças de Zeca Perpétuo constituem uma parte significativa da estória narrada, estas são contadas à Luarmina e a partir disto é que são postas no quadro narrativo.

A infância e juventude de Zeca Perpétuo é marcada por sofrimento e abandono, começou a trabalhar como pescador ainda menino, ficando no posto do avô Celestiano; o pai desapareceu acometido pela cegueira e loucura; e a mãe deixou-o aos cuidados do padre Jacinto Nunes, de origem portuguesa que o educou nas bases das crenças cristãs. Todavia, Zeca escolheu seguir os caminhos do seu pai e viver da pescaria, dependendo do mar, este que nomeia a obra, transpassa toda a narrativa e envolve as idiosincrasias dos personagens.



As memórias trazem para a narrativa a estória de Maria Bailarina, uma moça dançarina, “uma ajunta-brasas” (COUTO, 2000, p. 10), que teve um final trágico, como pode-se perceber no trecho abaixo:

Maria Bailarina dançava a pedido e a moeda. Lhe atiravam os dinheiros e ela, de imediato, deflagrava seu corpo. Mesmo o padre Jacinto Nunes comentava baixinho para a sua batina: — Até Arquimedes haveria de flutuar, Santo Deus me valha!

Aconteceu que, uma noite, ao roçar junto da fogueira, a capulana da dançarina se fez em chama. Maria Bailarina não parou de dançar. O povo começou a gritar, em aviso. O fogo em redor das vestes se adensou e ela não se detinha nem deixava que ninguém se achegasse. Estava possuída pela vertigem, dançava já com a própria morte. (COUTO, 2000, p. 10)

O narrador através das lembranças tecidas, conta ao leitor de modo detalhado, o destino de Maria Bailarina. É importante destacar que esta rememoração é realizada para se evitar as memórias saudosistas das quais fala e pede Dona Luarmina, esta, no que concerne, tem um ato solitário que merece realce: durante o entardecer, senta-se na varanda e pega as flores do jardim, repetindo a seguinte frase: “— *Mar me quer*, bem me quer...” (COUTO, 2000, p. 10, grifo nosso). Este ato repetitivo de Luarmina, chamado pelo narrador de “cantochoão” (COUTO, 2000, p. 10), é compartilhado no título da obra, como deve ser perceptível.

No terceiro capítulo do livro a narrativa ocorre *in última res* – a estória contada inicia-se pelo final –, vemos a reação de Luarmina na abertura da seção ao ouvir a memória de Zeca Perpétuo acerca do pai. Tal artifício de construção textual propicia ao leitor uma instigação na continuação da leitura, uma vez que desperta a curiosidade acerca do tema desenvolvido no enredo, que resultou no desfecho apresentado como abertura.

Ainda neste capítulo, conhecemos a estória e o desfecho do personagem Agualberto Salvo-Erro, que tinha nos olhos o azul do mar, adquirido ao tentar salvar a moça que amava, além disso, seus gestos eram semelhantes aos dos peixes. O narrador destaca que Agualberto passava horas do dia no mar, após o azul se ausentar dos seus olhos, ele foge de casa sem destino certo, deixando para trás o filho ainda pequeno e a esposa. Com a partida do marido, a esposa entra em estado de “desjuízo” (COUTO, 2000, p. 16), e abandona o filho, o qual desenvolve na idade adulta uma vida mais próxima da solidão, que pode ser pensada como consequência das perdas sofridas.

No quinto capítulo da obra, o narrador apresenta de modo mais detalhado o cotidiano de Agualberto após a volta do mar, os comportamentos peculiares que desenvolveu, o qual se mantinha sempre em silêncio ao contemplar as águas e abençoava os anzóis de pesca. Além disto, é relatada a morte da esposa de Agualberto, mãe do personagem principal, que “acabou-se assim mesmo como viveu, sem história, sem sobressalto” (COUTO, 2000, p. 21). Aqui coloca-se em relevo a condição da mulher moçambicana em um contexto de práticas de silenciamento, no qual ela não tem voz, nem trajetória de protagonismo, apenas sobrevive da melhor maneira que consegue.



Mia Couto é um autor conhecido e estudado por trazer para as suas obras literárias as histórias das mulheres de África, abordando as práticas marginalizadoras, mas também a representatividade, identidade e papel transgressor, a título de exemplo, cita-se as seguintes produções: *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra* (2002), *O fio da missanga* (2003), *Antes de nascer o mundo* (2009), *A confissão da Leoa* (2012), dentre outras.

O personagem Zeca Perpétuo guarda para si uma memória traumática que resultou no comportamento cruel de matar todas as gaivotas que cruzam o seu olhar, atitude esta considerada desprezível por Luarmina, que não compreende qual a fonte destas ações adotadas por ele, pedindo para que lhe conte. Após muita resistência por parte do narrador-protagonista o relato é elucidado: Zeca Perpétuo era casado com Henriquinha, uma mulher bonita, de belas curvas, a qual aos domingos dizia que iria à igreja, mas ia “ao cimo da Duna Vermelha e se despia aos olhos públicos, posta toda fora das roupas. O povo se juntava para tirar proveito daquela visão” (COUTO, 2000, p. 25). Diante desta descoberta, Zeca segue a esposa – enganada em relação ao dia da semana, pensando ela que era domingo – até o local em que dança e tira a roupa e, não tendo ninguém a olhar, empurra-a de cima da gruta, ouvindo apenas os gritos das gaivotas. O corpo da mulher nunca fora encontrado.

O capítulo de encerramento apresenta Zeca Perpétuo doente, acreditando estar acometido de enfermidade por não ter cumprido o pedido do pai, de sempre visitar a amada no fundo do mar, levando água e comida. Todavia, em um desfecho que surpreende o leitor, a personagem Luarmina confessa que ela é a mulher da qual fala Zeca, amada de Aqualberto, que todos pensavam ter padecido nas águas do mar, conseguiu escapar, afirmando que Zeca cumpriu a promessa feita ao pai.

Desse modo, a obra *Mar me quer* (2000), aqui resenhada, é direcionada ao público leitor em geral que deseja adentrar no universo das literaturas africanas de Língua Portuguesa. O texto apresenta um trabalho primoroso com a linguagem, que proporciona a efetivação de uma leitura fluida e instigante. A estrutura da obra é muito bem definida, oferecendo uma perspectiva de enredo adequada à extensão que a narrativa contém. Com isto, torna-se possível conhecer muitos aspectos culturais e históricos de Moçambique a partir da história contada e vivida pelo personagem Zeca Perpétuo.

Referências

CULLER, Jonathan. **Teoria Literária: uma introdução**. Tradução de Sandra Vasconcelos. São Paulo: Beca Produções Culturais Ltda, 1999.

NASCIMENTO, Lidiane Alves; RAMOS, Marilúcia Mendes. A memória dos velhos e a valorização da tradição na literatura africana: algumas leituras. **Crítica Cultural**. Palhoça, SC, v, 6, n. 2, p. 453-467, jul/dez, 2011.

Revista Resenhando
Volume 3, número 1, 2021
ISSN 2675 - 7036



Recebido em: 31/12/2021
Aprovado em: 05/02/2021

Revista Resenhando
Volume 3, número 1, 2021
ISSN 2675 - 7036